

# Carlos Gomes e o Sagrado Lusoamazônico\*

José Ubiratan Rosário\*\*

Ao projetar a sacralização cívica de Carlos Gomes no Pará, durante os rituais fúnebres do maestro em Belém, capital, o historiador Geraldo Mártires Coelho, percebendo o espírito que animava esse *fin de siècle*, divisou no evento extraordinário, a atuação forte da “sensibilidade romântica” própria da “Belle Époque” alimentada nas correntes de idéias vigentes na Europa - Romantismo, Positivismo - penetradas na Amazônia do apogeu da borracha.

O escritor percebeu, nesse meio social da Amazônia paraense “uma exaltadíssima piedade e idolatria públicas”, dentro de uma sociedade “onde a música e o palco eram elementos catalisadores da Belém *fin de siècle*, havendo aí, “terreno propício para o mito Gomes”, conquanto essa imagem mística do maestro “não chega pronta” a Belém, mas ao contrário, “é trabalhada e distendida pelo imaginário coletivo” (Cf. entrevista do historiador ao jornal *O Liberal* de Belém, de 9 de março de 1995).

No seu estuante ensaio-erudição *O brilho da supernova, a morte bela de Carlos Gomes* (Agir/UFPA, Rio de Janeiro, 1995), que abre no Brasil o debate sobre Carlos Gomes em seu centenário de morte, o ensaísta paraense indaga oportunamente: “se apenas a sua legenda e os ecos de seu sucesso, na Itália e no Brasil, bastariam para produzir e alimentar as grandes demandas do sentimento coletivo que cultuou o maestro, alargando o espectro de sua morte” (p.105). Focaliza aí a tese da “sensibilidade romântica” permeando a sociedade paraense da borracha, como estado de espírito influenciado também pelo Positivismo, no que se relaciona ao culto do herói.

Geraldo Mártires Coelho relaciona as correntes de idéias européias que desembocam nos costumes, no *ethos* e na visão de mundo da sociedade paraense, da segunda metade do século XIX a culmina-

rem nas posturas que flagram cá, a vigência do conceito romântico-positivista da *morte bela*, a quando da *panteonização* de Carlos Gomes no Pará.

Diviso, entretanto, além do “sentimento romântico”, também o rastro e o lastro duradouros do legado devocional português, amalgamado na cultura amazônica, marcada no sagrado de perfil colonial lusitano, mitificado no Sebastianismo transplantado e aclimatado, gerador de atos salvacionistas de devoção. Diviso o sentimento místico religioso, do paraense dentro do legado colonial de nossa cultura.

Até a emergência da sociedade da borracha, bem antes do desenlace de Carlos Gomes em Belém, o habitante do Pará, mestiço em seu perfil étnico, não conheceu outro sentimento da morte que não o trágico, o piedoso, numa primeira inflexão da Europa sobre a Amazônia, por via portuguesa, na formação da cultura mameluca, a quando da vigência dos ciclos econômicos agrícola e extrativo, dos produtos silvestres regionais, atreladores da Amazônia portuguesa às Europas renascentista e iluminista, marcada ainda pelo sentimento residual do Barroco.

A segunda inflexão da Europa na cultura mestiça amazônica, ocorre durante o ciclo da borracha nativa, quando a sociedade paraense experimenta o fausto que desconhecera antes, e na qual, além da música e do palco, desenvolvia-se aqui uma imprensa atenta ao perfil romântico do jornalismo mundial e cujos dados haveriam de favorecer a oportuna abordagem histórico-filosófica do ensaísta Geraldo Mártires Coelho em seu livro ora em debate, no meio acadêmico brasileiro.

Porém, o lastro e o rastro do sentimento místico religioso amalgamado antes, na Colonização portuguesa, permanecia vivo e influente no Pará oitocentista, num encontro pacífico da periferia coloni-

\* Palestra proferida no II Fórum Paraense de Letras/UNAMA

\*\* Professor do Curso de Educação Artística/UEPA

zada da Amazônia com a sociedade industrializada da Europa, onde se confrontavam agora Romantismo saudosista e Positivismo futurista, em seus propósitos de “progresso”. O legado místico, no entanto, continuava presente na “Belle Époque”, tanto entre as classes abastadas ou de bom gosto - **bon ton** - que iam ao teatro assistir a **Il Guarani** quanto aquelas que encheram as ruas de Belém - multidão devota - a prantear em Gomes no seu adeus, ou a ovacionarem-no nas avenidas quando caminhava entre o povo.

Antes de formar-se a sociedade da goma elástica, do século XIX aos inícios do atual, o catolicismo português já concorrera para formar na Amazônia, a concepção trágica da morte. Morte como suplício, martírio, espelhado conceitualmente, imaginalmente, na morte trágica do Salvador, do Messias, do Deus crucificado, morte realista sublimada no Culto ao Senhor Morto, enraizado ritualmente nas procissões da Paixão de Cristo, no Grão-Pará interétnico. Um dos nichos desse sagração luso-mestiço em Belém era a sua igreja principal - a Catedral do século XVIII - de onde sai o Círio de Nazaré todos os anos e que ainda hoje marca o setor colonial da cidade. Da Catedral saiu o último cortejo de Carlos Gomes, após as Exéquias religiosas aí realizadas com a presença de toda a sociedade de Belém em 8 de outubro de 1896.

O próprio lusitano trazia - ante a visão e experiência dantescas dos naufrágios oceânicos - a marca do sentimento de risco, a tragicidade das águas, o mal-morrer longe da pátria, e da família; das mães e das noivas; dos filhos e dos irmãos, a evocarmos, os versos melancólicos de Fernando Pessoa no poema “Mar Português”. O ser português renascentista-barroco-iluminista, fizera-se na mentalidade do risco e da aventura perigosa (a própria Conquista e Colonização!) em terras longínquas ou nas refregas com Castela e com os sarracenos, na exaltação dos sentidos e dos sentimentos. E a cultura amazônica resultaria também dessa cultura do confronto dramático com o destino, na relação com o invasor europeu. Daí porque a ligação do cívico com o heróico redundará num sentimento religioso de consolação perante a perda, perante a derrota, melancolia que criou no léxico comum para os dois lados lusitanos do Atlântico, a palavra **saudade**, também núcleo significativo do sentimento salvacionista de restauração e de êxtase. Temos aí o núcleo do

mito: busca inconsciente, de um salvador, ou libertador.

Estas noções produzidas e vivenciadas dentro da historicidade portuguesa vão reproduzir-se no ambiente amazônico, ao encontrar terreno propício em sua conjuntura histórica: ou seja a Conquista e a Colonização, a par do sonho português iluminista de criar aqui a Nova Lusitânia para o que a Catedral majestosa era um dos indícios. O devotismo luso, paralelamente à aventura colonizadora, cruzara o oceano, acompanhando a tensão, a dúvida, o conflito e a angústia dos que iam miscigenar biológica e culturalmente o habitante regional também marcado pelo confronto que transforma **ethos** e visão de mundo da cultura paraense.

Continuando esse processo, a experiência amazônica intui o conceito trágico da morte a partir do drama da dizimação de povos e culturas nativos, trauma sublimado na **morte sublime** de concepção e conformação religiosas, por meio do Catolicismo, tomado aqui instrumento psicológico intraregional de resistência moral e existencial, durante todo o isolamento do Pará-Colônia, totalmente subordinado e cativo à Velha Lusitânia inclinada a valorizar o Grão-Pará como alternativa face às ameaças no continente europeu. Esses fatos duradouros são mais fortes que a rápida passagem do Santo Ofício no século XVIII por aqui, mais fortes que a efêmera vertigem da “Belle Époque” sustentada pelos lucros da goma elástica.

Já no período imperial, essa animação ideológica coletiva voltada para a Paixão, no Grão-Pará provincial, irá amalgamar-se à nova realidade socio-cultural. O Catolicismo trouxera o imaginário da morte como fim carnal, fim de mundo, com promessa de **outro melhor**, baseado no conceito e no dogma da **Ressurreição**, reiterada no **Credo**, consolada no **Salve Rainha** de todos os **degradados**, aqui neste **desterro**, termos da oração que antes fora poema popular na Idade Média.

Tal concepção da morte-fim-do-ser, não era naturalmente a concepção do nativo, que a idéia de um **Deus morto** não estava na intuição indigna de Deus. Não podia o índio da Amazônia intuir a noção européia de paraíso como futuro, apenas como presente ecológico, mágico, mítico, espectro telúrico em que vivia e em contato com o sobrenatural.

É perante os inespugnáveis **veleiros com canhão**, símbolo tecnológico da conquista e da destruição, da violência e da morte, que como estudio-

so da cultura há tantos anos, compreendo a lógica e a origem do mito lendário da Cobra-Grande do folclore mestiço regional. Na sua forma acabada de mito generalizado na região, nada mais representa a Cobra-Grande que o trágico símbolo da ameaça retratada, escancarada, gritada na imagem dos navios europeus de tecnologia bélica avançada e superior a trazerem a morte injusta, sumária, destruição de seus povos, tribos, nações, quando não o subjugo e a escravidão pelo que emergem as **Irmandades** unindo sobretudo escravos. Trata-se, assim compreendo, do conflito coletivo projetado na lenda da Cobra-Grande. Já o mito do Boto, percebo em seu núcleo o conflito individual, até mesmo como instrumento de libertação (Eros) enquanto o primeiro é alarme contra o inimigo, alarme de morte (Tânatos). A Cobra-Grande é fruto histórico da guerra, a lenda é símbolo do trauma que ficou.

O imigrante português - agricultor, soldado, administrador, etc. - traz para a Nova Lusitânia, em seu calendário hagiográfico, o hábito da devoção dentro da qual está intuída a conformação da **morte cristã**, morte no Cristo, tornada morte de salvação. Esta deve materializar-se com o concurso dos Santos, cujas imagens parecem dar uma sensação afetiva de segurança, como intermediários entre o aflito de músculo e sangue e o Deus invisível, intocável. O conceito abstrato de **salvação** evolui, lado a lado, com o conceito concreto de **salvamento**. Imediato e inadiável. Daí a atitude mais que de súplica, de apelo aos Santos, como recursos mais imediatos. É a contingência da aflição que torna a assimilação da devoção aos Santos mais consistente que a própria catequese ou evangelização. É o Santo e a noção do Senhor Morto na Cruz que torna o **amazônida** um católico de tradição. O Catolicismo se torna aí instrumento de resistência à dor. É pois o sagrado de perfil português adaptando-se à realidade regional, na emergência do **ser paraense** que já não é o índio ex-dono da terra, não é puramente o português regulador da sociedade nem o africano desterrado da sua terra. É o ser miscigenado material e espiritualmente.

Os "Santos" estão por assim dizer "mais pertos" que a divindade superior. "Santos padroeiros", a darem ensejo a irmandades onde são louvados e festejados. E o louvor, já opinamos: tem um sentido soterológico. O ritual do louvor se manifestará espontaneamente nas **ladainhas** tão populares celebradas perante **oratórios** por **rezadores** do povo,

oratórios particulares, domésticos ou comunitários, extrapolando o controle eclesial em atitudes determinadas pela necessidade, pela aflição tanto individual como coletiva.

A quando da efemeridade da "Belle Époque", por ocasião do convívio histórico de Carlos Gomes com a sociedade do látex, embora fosse outro o quadro econômico e sociocultural vigente, distinto do da fase colonial de forte atuação portuguesa, permaneciam vivos os valores, a visão de mundo e o **ethos** do universo paraense, gerados na longa duração da estrutura Colônia-Império no Pará, transição não violenta que acaba por harmonizar a contradição da dor com o prazer devoto, enriquecido já por elementos ideológicos do civismo (Cabanagem) que se transfere intuitivamente para o **Sete de Setembro** continuado pelo devotismo paraense em outubro: os dois meses mais míticos da tradição cívico-devota do Pará. Dentro dessa **animação devota** (conceito de Geertz) permanece intacto e vivo o núcleo melancólico do devotismo português, amalgamado ao lúdico da contribuição das raças carentes e sequiosas por libertação - índio e africano - pelo que, lúdico e sacro inspiram-se no lusitanismo devoto, nutrido este no Sebastianismo que é o Salvacionismo lusitano, a consubstanciar o Salvacionismo amazônico de fundo sacro-cívico que pode tender ora para o lúdico ora para o lúgubre.

É visualizável, assim, na postura devota da população paraense de Belém, nos rituais fúnebres de setembro/outubro de 96 - hierofania de Carlos Gomes no Pará - a esteira iluminada do Lusitanismo devocional latente, a preceder o Romantismo da "Belle Époque" que viria depois, devendo-se recordar ainda que o próprio Iluminismo português não fora leigo ou ateu como o da França, mas eclesiástico em sua origem, exceto no despotismo do Marquês de Pombal que expulsou da Amazônia os Jesuítas. Ainda era acentuado o Barroco religioso, das belas igrejas erguidas no estilo tardo-barroco (sob o reinado de Dom José) aos sermões do padre Antônio Vieira em defesa do índio.

O arquiteto Giuseppe Landi, italiano, fizera igrejas no estilo neoclássico (tardo-barroco, na opinião de outros), mas a torrente mística desse contexto estava na hipnose do Barroquismo religioso português, do qual resta e sobrevive em ruína como testemunho, o altar seiscentista da Igreja do Carmo, na Cidade Velha, marcado por forte im-

pressão medievalesca quanto ao espírito sacro. Poder-se-ia dizer que o bairro da Cidade Velha - setor mais colonial da cidade - fora o reduto inespugnado da tradição lusitana, conquanto a Campina ia se tornando o bairro especializado do comércio, das drogas do sertão e do plantio de produtos silvestres exportados. A Catedral de Belém - onde se realizaram em 1896 as exéquias religiosas de Carlos Gomes - já era o nicho sagrado principal do Pará, localizado o templo católico no setor colonial da urbe amazônica. A Cidade Velha era reduto do lusitanismo, ainda estampado na fachada das casas, dos edifícios, inclusive do ex-palácio do governo, junto à Igreja do Carmo, também no castelo que tomava o nome de Forte do Presépio, modesto se comparado ao de São Jorge em Lisboa, mas transbordante de significação e historicidade. Dele partiram os portugueses para a saga da conquista do vale.

Perto do bairro da Campina surgirá em 1878, como templo da arte e da música lírica, o Teatro da Paz, assinalando o marco do apogeu do Império no Grão-Pará já independente de Portugal e anexado ao Brasil 55 anos antes. O Cemitério da Soledade - onde simbolicamente o maestro será sepultado (20 de setembro de 1896) - e o prédio do Conservatório de Música (Hoje sede da Academia Paraense de Letras onde ficara em câmara ardente) denotam estilos do século XIX, faces urbano-culturais de um tempo de intensificação do comércio da borracha, uma "droga do sertão" que alimentará o automobilismo surgente. A expansão do novo comércio - o do látex - parecia, em parte, invadir a Cidade Velha colonial: ergue-se pelo capital português o Palacete do Pinho, próximo à Catedral, mesma rua e primeira de Belém. Em seus salões de construção lusa da "Belle Époque", as valsas eram preferidas nas grandes noites do fastígio da borracha. Ainda de edifícios de construção portuguesa, se abordará a orla marítima da capital, passando pelo Ver-o-Peso, pelo **boulevard** Castilhos França, a assinalar a participação dos lusos no comércio da **hevea brasiliensis**. Pelo **boulevard** percorre todos os anos o Círio de Nazaré com seus andores, cavalaria, alegorias de milagres em Portugal, como Dom Fuas Roupinho, etc. A presença sociocultural portuguesa em Belém nunca cessou e permanece num contínuo intercâmbio entre Pará e Portugal. Neste ano de 1996, o Grêmio Literário e Recreativo Português - sugestivamente localizado, em sua sede,

perto da rua Sete de Setembro e da **Avenida Portugal** em Belém, completa 129 anos e sua representação participou do cortejo de Carlos Gomes na manhã de 20 de setembro de 1896. Chamava-se antes Grêmio Literário Comercial Português.

A verdade é que os acontecimentos extraordinários de 1896, ao glorificar-se publicamente o artista genial das Américas, já existia uma inclinação ao sagrado, dentro da tradição religiosa com fortes características amazônico-portuguesas, transbordante de historicidade a inundar de símbolos emotivos do sagrado, toda a linguagem regional, pronta a desembocar num momento de impacto, como a morte de um grande símbolo do povo. O **Mito** Carlos Gomes no Pará é também o **fenômeno** Carlos Gomes ou o fenômeno de simbolização dramatizada de um eu coletivo, perante a morte real e simbólica que reconsagra o herói.

As teses de Geraldo Mártires Coelho são perfeitas sobre a hierofania de Gomes. Notavelmente elaboradas. Agrego apenas algumas pistas no intuito de atender a esse chamado intelectual para discutir-se a sociedade paraense do látex, sociedade do alto estilo da arte, do bom gosto; sociedade da nostalgia lusitana, sensível e solidária na agonia e na glória. Há uma lusitanidade intrínseca na cultura paraense. E Carlos Gomes ao brandir os recursos da arte operística, agitou uma miríade de signos a evocarem as entranhas da raça, como em **II Guarani**, amalgamento harmônico entre Álvaro e Iracemas, entre Peris e Cecis. Era um louvor ao índio. Daí imaginarmos nos cortejos "milhares de Peris" paraenses conduzindo bem alto o ataúde com o corpo daquele que bem alto elevara nos palcos do mundo, a figura do selvagem brasileiro.

O mais puro devotismo de origem portuguesa não penetrara apenas por via oficial no Grão-Pará, por conta da catequese e da evangelização. Também espontaneamente por difusão, através do imigrante e por contingência da condição de habitante da província. Esse novo habitante que se miscigena, formando o **paraense**, defronta-se com o mesmo tragicismo da vida regional: os mesmos desafios da água, os perigos da floresta, ameaças do céu, temor perante a profundidade e a imensidão dos rios; onde, enfim, a magia tinha suas raízes ancestrais, sabedoria dos pajés, tudo a mesclar-se em síntese com o Credo popular católico chegando entre Pai Nossos, Ave Marias e Salve Rainhas. A noção do medo não parte porém só da pequenez

do homem perante a natureza. Mas o medo do próprio homem. Daquele que chega com seus arcabuzes e com seus navios armados de canhões. Colono e colonizado estarão humanamente identificados na busca da salvação, busca do milagre, da graça, do socorro. A primeira experiência material da busca do resgate é a obtenção do **salvamento** ou da **consolação**. Emerge aí o sentimento da **promessa**. A morte é a culminância inelutável do sublime. Ela sacraliza heróis. A mão se estende ao socorro mais próximo, dentro da possibilidade do milagre: o Santo.

As **promessas** e as devoções aos Santos folclorizam-se no Pará como resultado da contingência do habitante solitário da grande região. A religiosidade ultrapassa o desejo e a esperança de consolação e milagre, para traduzir-se em **prazer devoto**, festivo, erotizado nas danças, no namoro; um “profano” que completa o “sagrado” na devoção ora lúgubre ora festiva.

Não é senão dentro do tragicismo amazônico que emerge a **mitologia da promessa** e da simplicidade dos pés no chão, mãos na **Corda**, sem flageolos e sem delírio, no decorrer do Círio de Nazaré. O termo “círio” aliás viera das procissões noturnas de Portugal. E foi com “círios” (velas, archotes) nas mãos contritas que os paraenses acompanharam a **Trasladação noturna** de Carlos Gomes na noite densa de 18 de setembro de 1896 em Belém. Também com “círios”, na manhã de 20, o povo acompanhou o grande cortejo do Conservatório de Música para o Cemitério da Soledade.

A população paraense acostumara-se, desde o Grão-Pará, aos rituais comemorativos religiosos de seus padroeiros, a dramatizar ritualmente a Paixão de Cristo, o Senhor Morto, a vingá-lo na Malhação do Judas, no Sábado da Aleluia. Por fim, o Lusitanismo católico inunda as ruas e avenidas das cidades e vilas paraenses nos rituais públicos de fé e louvor cristãos. Cada comunidade, em seu calendário hagiográfico, tem seu **Círio** e seu Santo ou Santa padroeira. São romarias terrestres ou fluviais, também marítimas. No cotidiano paraense, as ânsias, as tensões, os conflitos eram curtidos perante **oratórios**, nos cultos domésticos ou comunitários das **ladainhas**, as margens de rios repletos de historicidade como o Acará, o Tapajós, o Tocantins, o Trombetas, o Gurupi, o Guamá, o Caeté ao longo dos quais as vilas nascentes recebiam nomes portugueses (Santarém, Bragança, Ourém, Óbidos,

Alenquer, Aveiro, etc).

A expressão piedosa da ritualidade amazônica é manifestação oposta à rebeldia, a qual tivera na Cabanagem sua mais alta expressão coletiva na região, desde as guerras dolorosas da conquista, em que muitas nações indígenas desapareceram.

O catolicismo paraense não é pois mera aceitação imitativa ou submissão ao colonizador, ou simples obediência, por temor aos padres. Representa esse Catolicismo festivo também um instrumento ideológico de sobrevivência e de resistência do próprio universo cultural do paraense, durante a ação colonizadora e após, com o amalgamento étnico e de cuja expressão mais monumental é o Círio de Nazaré na capital do Pará, em outubro.

As emoções no adeus a Carlos Gomes explodiram nos meses mais míticos de Belém: setembro e outubro. Em setembro, o sentimento cívico de pátria (Gomes morre a 16 de setembro) e em outubro, o sentimento religioso, devoto, do Círio (Gomes tem suas exéquias religiosas a 8 de outubro). Com os funerais do maestro, prolongou-se a semana da Pátria e anteciparam-se as emotividades místicas da grande Romaria - o Círio - a sair todos os outubro, exatamente da Catedral. Convém que os estudiosos da cultura amazônica atentem para o misticismo e para a mitologia própria desses dois meses: o do cívico e o do sagrado. Ambos remexem as águas profundas da cultura e da tradição nos eventos de 1896. Juntaram-se eles, na “Belle Époque”, às águas mais superficiais do bovarismo, do Positivismo e do Romantismo a que tinham acesso as classes mais socialmente cultas da sociedade do látex, dado o estreitamento de contacto com a vida européia. Até palavras de uso cotidiano eram importadas do além-mar: *chic, comme il faut rempli...* sem afetar a língua portuguesa assentada no Pará.

O sentimento da Paixão de Cristo introduzido no Grão-Pará, transformado no ritual das Semanas Santas anuais, já alimentara e criara uma linguagem do sublime, ainda não a romântica da morte. Canalizara, porém, a expressão ritualizada da dor, na própria dor, simbolizada na liturgia do Senhor Morto cultuado no Grão-Pará. Se não era ainda a **morte bela** dos finais de século, era a **morte sublime** mais religiosa que cívica. Fazia-se transferência psicológica da imagem do Senhor Morto para a figura do Maestro Morto, a figurar o próprio Cristo entre o martírio e a ressurreição, intuída na glória do gênio, a perpetuar-se na memória dos

compatriotas.

O sagrado de perfil português integrava a ideologia vivida do mestiço da Amazônia paraense, na difusão de costumes da tradição portuguesa; difusão também espontânea por meio dos próprios colonos, das suas famílias portuguesas que imigravam para o Pará a reviver aqui tais tradições d'além-mar, devoções manifestadas perante os **oratórios** instalados nas salas de visitas, nas alcovas, nas varandas das casas; altares domésticos, com cultos domésticos; **ladainhas** em latim arrevezado, a par de vasto folclore hagiográfico, com narrativas de milagres e de salvação, vindas de Portugal. Ainda hoje é padroeira do Município de Santa Isabel no Pará, perto do Município de Belém, uma santa portuguesa - Santa Isabel de Portugal - que foi rainha daquele país e cuja imagem foi de lá trazida para o Pará, e aí cultuada em procissão: o Círio de Santa Isabel.

Na tradição medievalesca portuguesa, os **Santos** eram heróis religiosos, humanos, tomados deuses. Os **Santos** eram o primeiro alvo permanente de veneração católica dos paraenses, mais intensamente na parte Leste do Pará, onde floresceram as Irmandades, a exemplo da mais famosa, pela força de sua resistência às investidas do clero local: a **Irmandade do Glorioso São Benedito** criada no século XVIII e ainda viva na devoção do povo de Bragança, leste do Pará.

Geraldo M. Coelho refere-se a "Santo Comtiano", aludindo à filosofia de Auguste Comte, conquanto o Positivismo tinha os seus "Santos" canonizados pela Igreja Positivista, racional.

Esses "Santos" eram os "heróis", os "grandes homens", todos aqueles que enriqueceram o patrimônio moral da humanidade: o herói-deus (Ler capítulo **O enigma do Cipreste**, em obra citada de G. M. Coelho, p. 42 a 75).

Porém o retorno de Comte ao medievo vai em direção aos "grandes gestos" do cavaleiro-herói e de fidalgos (p. 57), não ao pietismo devoto de fundo hagiográfico.

No conjunto dessas digressões, concluímos que algo há além dessa "sensibilidade romântica" constatada, com acerto, por G. Mártires Coelho no fenômeno popular da **panteonização** do maestro Carlos Gomes.

Nessa experiência amazônica com a devoção, percebe-se, além da "sensibilidade romântica", o

rastrado duradouro de um sagrado lúdico e sublime e um cívico também sublime e festivo, amalgamado às entranhas mitológicas da cultura paraense; sagrado vivido no calendário cultural hagiográfico, a destacar o Círio de Nazaré e os Círios de tantos outros santos nas comunidades do interior.

Oportuno observar as ponderações de Geertz sobre os fenômenos relativos à **animação** e à **disposição** devotas: "As inclinações que os símbolos sagrados induzem, em épocas e lugares diferentes, vão desde a exultação até a melancolia, da autoconfiança à autopiedade, de uma jocosidade incorrigível a uma suave apatia, para não falar do poder erógeno de tantos mitos e rituais mundiais" (Clifford Geertz. **A Religião como sistema cultural**. In **A interpretação das culturas**, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978, p. 111). No processo de sagração de Carlos Gomes, foram estimuladas as inclinações do paraense em sua disposição devota, aí manifestada.

Ao que o historiador Geraldo M. Coelho percebeu como "sensibilidade romântica", aflorando na hierofania de Carlos Gomes morto, acrescento o rastrado e o lastro do salvacionismo lusoamazônico, latente como motivação devota a manifestar-se como **disposição** durante a sagração pública do maestro em Belém.

Geertz descobre o **ânimo** e a **motivação** dentro do amplo conceito de devoção. O que G. Mártires Coelho revela no evento histórico em estudo, parece espelhar também de modo mítico a **disposição devota** desencadeada a partir da estimulação da imprensa de Belém, a par da fama nacional do maestro, a simbolizar um salvador, um libertador de harmonias, restaurador nostálgico de algo perdido, a própria majestade do Império libertador da pátria e do servo. Carlos Gomes era abolicionista, indigenista e monarquista convicto, que amava a ópera e amava a pátria como sendo a Pátria viva. O que se soma à manifestação dos atos devotos desses dias de despedidas finais é a "tentência persistente" (Geertz, p. 112) do lusitanismo, lusoamazonismo devocionais, núcleo mais profundo ou cerne da cultura paraense neste milênio.

O lusoamazonismo devoto, no que tange simultaneamente ao sagrado e ao cívico, estava lastreado na tradição de três séculos da cultura que se formou antes do advento da "Belle Époque". Apesar da influência francesa, também italiana, a visão de mundo era aquela estruturada em língua portu-  
gue-

sa, com todo o universo que a cultura projeta na língua. Apesar da Semana de Arte Moderna de 1922 e do Modernismo literário, ainda é a estrutura linguística dentro da qual nós paraenses continuamos a aprender a sorrir e a chorar, a amar e a proclamar, pensar e sonhar. A língua portuguesa, na contingência da Conquista e da Colonização, impôs-se aos demais idiomas nativos da região. Através dela, o mestiço, o escravo negro, também o tapuia aproximado a prenderam a rezar e festejar. A língua alienígena adaptou-se ecologicamente ao meio. Desbancou o Nheengatu, língua geral. Pela língua portuguesa o **paraense** descobre e interpreta o mundo. Cria sua visão de mundo, seu **ethos**, expressa a dor, a sua pena, o pesar, galga o sagrado, o luto, o louvor, o êxtase perante oratórios, altares, capelas, igrejas, cada vez mais acompanhadas de cânticos, músicas sacras, cantos misturados com o latim que vão marcando os passos, os gestos, e a postura devota.

Enfim, a construção do sagrado, no Pará, integrado ao nascimento de um "povo novo", a partir

do trauma da Colonização faz-se no reflexo do lusitanismo devoto, embebido do medievalismo católico que chega ao Grão-Pará, trazendo as noções dantescas de céu, inferno e purgatório, reforçadas por dramatizações litúrgicas da Paixão de Cristo, vivenciadas no pietismo particular dos lares paraenses, em cujo regaço se instalam **oratórios**, que das casas portuguesas se espalham pelas beiras do rio, furos e igarapés; também no pietismo coletivo das procissões (Círios) católicas, em cultos celebrados em torno de um herói hagiográfico, num meio social, onde se cruzam lendas sagradas e histórias do imaginário nativo da região amazônica, indo do terror ao cômico, do trágico ao festivo. Alternância entre Tânatos e Eros.

Tânatos (Mito da Cobra Grande) e Eros (Mito do Boto) disfarçam-se no folclore regional onde sagrado e profano perdem fronteiras formais sobretudo na hora agônica do apelo ou na hora festiva do agradecimento pelo milagre. O profano toma o sentido lúdico da vida, santificado porém na festa do Santo.